

## **Processos Comunicacionais: o Jornalismo Digital e a Construção da Cidadania**

Aline Renée Benigno dos SANTOS<sup>1</sup>  
Eduardo FOFONCA<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo desenvolve um estudo da relação entre o jornalismo, a tecnologia e a cidadania. Nesse sentido, reconhecemos que esta relação contribui para a interatividade presente no jornalismo digital e configura novas potencialidades democráticas, trazendo à luz que esta articulação propicia o exercício da cidadania, não pela simples sedução pela tecnologia, mas pela implicação dos processos de interpretação de sentidos que tem a sua origem nos processos de interação social.

**Palavras-chave:** Jornalismo digital. Cidadania. Mídia. Tecnologia.

### **Introdução**

A sociedade contemporânea articula os meios de comunicação e a coletividade cidadã de uma forma reflexiva de natureza hermenêutica e de natureza crítica. Este fenômeno mobiliza uma maior sensibilidade para os processos coletivos de construção de sentido. A cidadania, nesse sentido, possui um conceito primordial na contemporaneidade que reflete, criticamente, acerca dos processos de criação de sentido e de transmissão de cultura. Este conceito acaba por proliferar nesta nova versão de sociedade um vasto campo de estudos, como por exemplo, as relações com a tecnologia e a comunicação. Nesse contexto, torna-se uma tarefa complexa ignorar a mudança que

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística Aplicada (UFSC), Especialista no Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UTFPR), Graduada em Letras (UEPG). Foi professora colaboradora da Universidade Federal do Paraná, Setor do Litoral e da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá. [alinerenee@gmail.com](mailto:alinerenee@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação e Linguagens (UTP), Especialista no Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UTFPR) e em Educação Especial e Educação Inclusiva (UFPR), Graduated in Letras (FAFIPAR). Foi professor colaborador da Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Atualmente é Secretário Municipal de Educação e Cultura de Matinhos, PR. [eduffk@bol.com.br](mailto:eduffk@bol.com.br)

as tecnologias trouxeram para o campo da comunicação, sobretudo, pela interação que é propiciada através das tecnologias da informação e comunicação.

Assim, o presente artigo, num primeiro momento, propicia uma reflexão acerca do conceito de sociedade civil e, num segundo momento, preocupa-se com a dimensão simbólica e comunicacional deste conceito, construindo uma reflexão acerca do papel que as novas tecnologias da informação e comunicação, especialmente do jornalismo digital, acabam por configurar na contemporaneidade um modelo de sociedade civil.

Por fim, através destas reflexões, analisaremos possíveis teses que nortearam a construção de um olhar crítico acerca dos meios de comunicação. Este pensamento nos remete a alguns conceitos de pós-modernidade, que favorecem um entendimento que possibilita um aprendizado social, que não se restringe à aprendizagem técnica, mas que dá dinamismo cognitivo-interpretativo aos processos de construção de sentido.

### **Relevâncias para o entendimento da interação entre jornalismo digital, mídia e cidadania**

A comunicação midiática e a cidadania passam por um conceito nascido da teoria política. De acordo com Arato e Cohen (1999) a sociedade civil surge como um terreno típico das sociedades ocidentais ameaçado pelos mecanismos da lógica administrativa e econômica e que se apresenta como o locus para a expansão potencial da democracia nos regimes liberal-democráticos efetivamente existentes.

Arato e Cohen (1999) diluíram a tradicional identificação hegeliana e marxista entre a sociedade civil e a economia burguesa. O conceito de sociedade civil, defendido hoje, oferece uma esfera de interação social localizada, composta pela esfera íntima, pela esfera das associações voluntárias, pelos movimentos sociais e pelas formas de comunicação pública. Esta caracterização implica na distinção da sociedade civil da sociedade política, que se torna ao longo deste processo, compondo-se apenas pelos partidos, organizações e públicos políticos e de uma sociedade econômica.

Torna-se importante ressaltar que esta composição, na ótica de Correia (2002), uma sociedade econômica e política emerge geralmente da sociedade civil, pois partilham de algumas das suas formas de organização e de comunicação e

institucionalizam-se através de direitos políticos e de propriedade contínuos aos direitos próprios da sociedade civil, ou seja, da caracterização de cidadão com direitos e deveres. Todavia, os atores da sociedade caracterizada como econômica e política estão diretamente envolvidos com o poder estatal e com a produção econômica, que podemos constatar, a todo o momento, assim comprometidos neste processo, pretendem controlar e gerir a sociedade. Nessa perspectiva, ressalta-se a importância de não poderem subordinar o cidadão a critérios estratégicos e instrumentais, a padrões de integração normativa e de comunicação, mas dar abertura integral à sociedade civil.

No entanto, a diferenciação da sociedade civil em relação à sociedade econômica e à sociedade política não significa que a existência de uma oposição profunda daquela em relação a esta. As proposições de sociedade política e de sociedade econômica, refletidas anteriormente, incluem esferas mediadoras através da qual a sociedade civil pode exercer forte influência sobre os processos político-administrativos e econômicos. O que existe é um papel da sociedade civil que não está diretamente relacionado com a conquista do poder tampouco com a gestão da economia, mas é inerente à geração de influência através da vida das associações democráticas e da discussão na sociedade, ou no sentido de esfera pública.

Na diferenciação da sociedade política da sociedade econômica não implica que a sociedade civil esteja de acordo com todos os fenômenos da sociedade que não estejam relacionados com o Estado e a Economia, mas apenas aos modos de relação que incluam uma comunicação organizada e na seqüência uma associação consciente. Portanto, a sociedade civil não deve ser confundida com a totalidade do mundo da vida social, haja vista refere-se às estruturas de associação e socialização, que possuem determinados graus de institucionalização.

### **A transformação da sociedade civil numa sociedade comunicacional**

A sociedade que contextualizamos, cada vez mais, emerge de uma conotação simbólica, isto é, uma forte ligação entre a experiência comunicacional e a experiência cívica. De acordo com Correia (2002), esta configuração ficou particularmente evidente com o advento da modernidade quando a questão da legitimidade surgiu como elemento

integrante do exercício da cidadania, sendo como uma instância crítica independente do Estado que determina a constituição do poder para a si transformar.

Diante disso, a sociedade civil está relacionada com um público político que se relaciona como instância mediadora com as sociedades política e econômica competindo-lhe amplificar a pressão exercida pelos problemas, ou seja, não apenas identificá-los, mas também problematizá-los de modo convincente e influente, apresentando-os juntamente com soluções, de tal forma que sejam tomados em conta e resolvidos pelas instituições representativas. Desse modo, Habermas (1995) esclarece:

O cerne institucional desta instância é, pois, as associações voluntárias e as redes associativas não dependentes do estado e da economia, através das quais se ancoram as estruturas comunicativas da esfera pública na componente social do mundo da vida (HABERMAS, 1995, p. 366).

A esfera pública, ligada à sociedade civil, configura-se atualmente, por um processo midiático, possibilitando um embate entre a pluralidade de definições da realidade social contemporânea. Diante disso, constatamos que a construção social da realidade decorre de um modo em que os meios de comunicação adquirem um papel cada vez mais preciso.

Assim, o mesmo processo de construção social pode estar profundamente relacionado com os enfrentamentos, normas organizacionais e convenções narrativas de que dependem os conteúdos e a prática discursiva dos veículos midiáticos, tendo em vista que não decorre sem a participação ativa da audiência, nas diversas interações em que os indivíduos tomam parte na realidade da vida quotidiana, no decurso da qual se organizam como comunidade interpretativa.

O processo de construção da realidade social a partir da mídia deixou de ser considerado como unilateral ou unívoco e estancou em relação às dinâmicas sociais em que se inserem os próprios mecanismos midiáticos. Na ótica de Champagne (2000, *apud* CORREIA, 2002, p.03):

A cultura dos meios de comunicação também é, hoje, um lugar de intensa luta entre os diferentes dinamismos sociais e, por conseguinte, teoriza-se melhor como um terreno de disputa, aberto às vicissitudes da história do que apenas como um campo de dominação (CHAMPAGNE, 2000, *apud* CORREIA, 2002, p.03).

Assim, os meios de comunicação desempenham uma característica estratégica. Para tanto, Vattimo (1996) explicita:

A impossibilidade de pensar a história como um curso unitário é, em larga medida, resultado da espectacular expansão dos *mass media*, os quais geram uma sociedade com diversas sub-culturas que tomam a palavra, gerando um pensamento fragmentário e arredo às interpretações unívocas e lineares (VATTINO, 1996, p. 78).

Diante do enfoque de Vattino (1996) que verifica que a influência dos meios de comunicação na construção social da realidade é um dado incontornável, não é menos verdade que cada vez mais é obsoleto e irrealista opor a mídia aos agentes sociais, como se os primeiros ocupassem uma posição doutrinatória, desligada das interações concretas entre os homens. Todavia, esta possibilidade torna-se contraditória, no sentido em que os agentes sociais recorrem aos próprios meios de comunicação, a partir de uma intervenção cada vez mais direta de recepção interpretativa e ativa e até na produção de sentido para suas mensagens cotidianas.

Apesar de todas as complexidades pode-se verificar que diante das novas transformações nos estratos sociais, tendo como objeto sensível que os meios de comunicação desempenham um papel estruturante reflexivo. Numa interpretação clara dessas possibilidades de ligação entre mídia e sociedade reflete-se:

Ao invés do que sucedeu na tradição marxista ortodoxa e, depois, de um modo peculiar na complexa tradição erguida em torno da Escola de Frankfurt, devemos analisar os media não apenas como suportes ideológicos dos sistemas hegemônicos de pensamento ou estruturas de dominação oculta que viam o triunfo de uma unívoca e linear racionalidade instrumental (ADORNO E HORKHEIMER, 2003, p.60).

Nesta reconfiguração de Adorno e Horkheimer (2003) os lugares de produção de estratégias visam reformular o processo social. O que se analisa na visão ainda de Adorno e Horkheimer é o reconhecimento da persistente afirmação dos discursos dominantes nos meios de comunicação, tendo como visão otimista que os aparatos midiáticos não operam para mascarar fatos ou distorcê-los, haja vista nem tudo o que se divulga está de acordo com as injunções e ideologias de uma malha rígida a ponto de defraudar a complexidade e diversidade da vida.

## Processos comunicacionais: o jornalismo digital e a pós-modernidade

Nos estudos de Zygmunt Bauman, a tecnologia prenunciada no desde a década de 90, em que a videoconferência é realizada em várias atividades, do ensino aos negócios. O crescente desenvolvimento da Internet adquiriu novas possibilidades de ver o mundo e trouxe novas promessas de satisfação aos consumidores.

Conforme Quadros e Quadros (2008) os estudos de Bauman<sup>3</sup> também podem ser aplicados ao *ciberjornalismo*, que teve seu *boom* em meados dos anos 90. No início, o jornalismo na Internet seduziu o público pela novidade e pela promessa de se tornar um meio de comunicação interativo, descentralizador. Porém, com mais de dez anos de existência do *webjornalismo*, a promessa de satisfazer o consumidor/leitor/usuário/produtor não foi totalmente cumprida. É claro que houve avanços (QUADROS E QUADROS; 2008; 06). Neste sentido, torna-se importante ressaltar que:

O diário digital deixa de ser uma simples transposição de versões impressas na rede, para explorar recursos próprios do meio. Nesse momento, em diversas partes do mundo, as redações do jornalismo digital vivem uma nova fase ao aderir aos vídeos elaborados por jornalistas e cidadãos, embora a interação prenunciada, em 1927, por Fritz Lang, não ocorra com frequência. Os vídeos, em sua maioria, não interagem até mesmo com os demais conteúdos do diário na web; são usados como complementos de notícias e podem ser vistos, por quem quiser, como um meio de mão única. (QUADROS E QUADROS, 2008, p. 6)

Com estes posicionamentos, vê-se a necessidade de estar atento às possibilidades estratégicas que as novas tecnologias da comunicação evidenciam em termos de dinamização da sociedade civil, trazendo transformação e reformulações de conceitos acerca dos processos comunicacionais e sua intensa relação com a sociedade. Neste sentido McLuhan (1969):

a comunicação é o processo da troca de experiências para que se torne patrimônio comum. Ela modifica a disposição mental das partes envolvidas e inclui todos os procedimentos por meio

---

<sup>3</sup> BAUMAN, Zygmunt. Vida Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

dos quais uma mente pode afetar outra. Isso envolve não somente as linguagens oral e escrita, como também a música, as artes plásticas e cênicas, ou seja, todo comportamento humano. (MCLUHAN, 1969, p.57).

Cotidianamente o ser humano é envolvido por informações, através de imagens e sons que, de uma forma ou de outra, tentam criar, mudar ou cristalizar atitudes, persuadir nos indivíduos. Pode-se dizer que este é o efeito dos meios de comunicação de massa nas relações sociais. A sociedade está diante de uma significativa transformação do modelo de comunicação de massas graças ao uso dos computadores como meio de difusão de um novo tipo de mensagens, efetivando a todo o momento o processo comunicacional.

Reconhecemos que na contemporaneidade um dos mais importantes elementos da comunicação mediada por computador é a sua habilidade para permitir o diálogo de muitos com muitos e a sua capacidade para facilitar a comunicação entre grupos e indivíduos geograficamente dispersos. Cabe esclarecer da importância de seguir alguns encaminhamentos históricos acerca da transformação do jornalismo digital, assim, Barbosa (2001) reflete sobre esta evolução:

Antes de chegar aos formatos que conhecemos atualmente, o jornalismo digital, em sua história de uma década, passou por diversas fases e experimentou diferentes tendências. Ao passo que o desenvolvimento da tecnologia ampliava as possibilidades de utilização de recursos, as empresas, tanto as essencialmente jornalísticas como as que resultaram de fusões com empresas de informática e de telecomunicações, iam adaptando e melhorando o nível dos respectivos produtos para, com isso, atrair e fidelizar cada vez mais a audiência. (BARBOSA; 2001, p.5).

São múltiplas as opções que surgem na Internet como alternativa aos meios de comunicação de massa. O jornalismo *peer-to-peer*<sup>4</sup> (designado, muitas vezes, como jornalismo cooperativo) e o *slashdot* oferece-se oportunidades de ultrapassar a relação rígida que alegadamente tem sido a relação dos media de massa com os seus leitores. Situado entre a *webzine*<sup>5</sup> e o fórum, o *Slashdot*<sup>6</sup> surge como uma forma de difusão de informação da Internet, onde são cobertas histórias e ensaios inseridos pelos leitores. A

<sup>4</sup> Tradução da Língua Inglesa “pares aos pares”; termo utilizado no jornalismo colaborativo ou cooperativo. Emprega-se nas relações de colaborações de informações de um jornalista a outro, principalmente na Internet.

<sup>5</sup> Revista de postagem de fonte aberta na Internet.

<sup>6</sup> Popular website de notícias. A maior parte dos artigos são sumários de notícias publicadas em outros sites, com espaço aberto ao comentário dos leitores.

equipe do slashdot introduz as histórias que serão editadas no site e é aberto um fórum de discussão onde os leitores podem participar em tempo real debatendo tema em análise.

Conforme Barbosa (2001), a participação do público na construção da notícia, seja através da sugestão de temas de reportagem, ou de informações sobre determinado assunto que o público faz chegar aos jornalistas, é cada vez mais fácil e também mais freqüente. Logo que a notícia é publicada, o leitor pode apresentar os seus comentários seja sobre o assunto alvo de notícia, ou o próprio trabalho.

Este tipo de novas manifestações jornalísticas que já teve exemplos concretos em torno da globalização, da luta pelas liberdades cívicas em regimes ditatoriais, na internacionalização de movimentos sindicais contra o trabalho infantil e no enfrentamento de multinacionais poderosas como sucedeu com dar origem a uma nova forma de jornalismo, ligado aos movimentos sociais, à democratização e à afirmação cívica das comunidades, que alguns chamam de jornalismo cívico, ou ainda de jornalismo público ou jornalismo comunitário.

O jornalismo digital corresponde a uma contribuição para o eventual fortalecimento de um jornalismo conversacional, com o recurso a fontes não elitistas, e propondo um equilíbrio entre diálogo e deliberação, entre participação e deliberação. Diante disso, constroem-se elementos emergentes que ajudam a contribuir para a generalização da idéia de que o público deve tomar conhecimento das notícias de uma forma que promova a discussão e o debate, rejeitando-se de forma enfática e categórica qualquer interpretação da objetividade jornalística que defenda o afastamento das redações em relação aos assuntos da comunidade.

Apesar de as novas condições de interatividade poder facilitar a dimensão conversacional e comunitária do jornalismo, a sua concretização só será eventualmente possível, se houver uma formação e educação. Para tanto, permitir aos praticantes terem sensibilidade e conhecimento para as relações entre a comunicação e as instituições democráticas.

Ao lado do reconhecimento do poder dos media, surgem movimentos acadêmicos e sociais tendendo a dotar os agentes sociais de competências no sentido de acederem, avaliarem e produzirem mensagens midiáticas. A aquisição destas competências visa também transformar os receptores passivos de mensagens

midiáticas em conhecedores habilitados das tecnologias relacionadas com os media, designadamente verificando a sua capacidade para influenciarem as audiências e introduzirem novos temas.

Por outro lado, o que se percebe, neste movimento, é que cada vez mais se enfatiza na necessidade de saber que tipo de conhecimento, atitudes e competências se tornaram essenciais para se ser cidadão na sociedade da informação (CORREIA, 2002). Todas as transformações que hoje estão presentes nos mídia passam a ser mecanismos simbólicos da sociedade civil. O desenvolvimento destes mecanismos simbólicos e midiáticas acabam por transformar as condições de deliberação coletiva nos sentidos da cidadania e da vivência comunitária.

### **Considerações finais**

O momento vivido é de uma evolução social. A sociedade está em curso, em fluxo. Os sujeitos diversos refletem sobre o modo como pensamos sobre nós mesmos e no modo como formamos laços e ligações com outros. A sociedade contemporânea articula os meios de comunicação e a coletividade cidadã de uma forma reflexiva, interpretativa e crítica, mobilizando processos sensíveis nos processos coletivos de construção de sentido.

Desse modo, reconhecemos que a cidadania, prolifera um vasto campo de estudos sobre as relações entre tecnologia, comunicação e sociedade. Cabe aos diversos campos de pesquisa fazer abordagens que contribuam desta mudança tem vindo a centrar-se de um modo particular de interação que pode ser pelo domínio midiático.

Para tanto, com o fenômeno da pós-modernidade não se sabe ao certo qual será a relação entre vantagens e problemas. O que se torna relevante é que não há como escapar das mudanças que atingem diretamente o cerne de nossa sociedade. Mesmo que o homem tente fugir desta realidade de mudanças, acaba por não conseguir tal fato propriamente, pois assim tem inventado outros mundos para ter compreensão das transformações e dos conceitos contemporâneos.

Toda tecnologia informacional e todo processo comunicacional estão oferecendo ao homem novas formas de perceber, sentir, intuir e pensar. A divulgação das informações divulgadas pela mídia, cada vez mais é encurtada; a mídia é caracterizada como formadora de novas representações na sociedade.

Nessa perspectiva, encontramos o jornalismo digital, que de certa forma, contribui para o fortalecimento de um jornalismo conversacional, com o recurso a fontes não elitistas, e propondo um equilíbrio entre diálogo e deliberação, entre participação e deliberação. Estes elementos ajudam a contribuir para a generalização da idéia de que o público deve tomar conhecimento das notícias de uma forma que promova a discussão e o debate, rejeitando-se de forma enfática e categórica qualquer interpretação da objetividade jornalística que defenda o afastamento das redações em relação aos assuntos da comunidade.

Portanto, apesar destas novas condições de interatividade poderem facilitar a dimensão conversacional e comunitária do jornalismo, a sua concretização só será possível, se houver uma formação e educação que permita aos cidadãos de terem sensibilidade e conhecimento para as relações entre a comunicação e as instituições democráticas.

## Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antônio Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

ARATO, Andrew; COHEN, Jean. **La sociedad civil e la teoría social**. In. SERRANO, Enrique. *La sociedad civil: de la teoría a la práctica*. México: Colegio del México, 1999.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBahia**, 2001 (acesso em 25/07/2008 [http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=barbosa-suzana-portais-mestrado.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=barbosa-suzana-portais-mestrado.html)).

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHAMPAGNE, Patric. **Os media, as sondagens de opinião e a democracia**, in AAVV, *Os cidadãos e a sociedade de informação*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000.

CORREIA, José Carlos. **Cidadania, Comunicação e Literacia Mediática**, 2002. (acesso em 12/07/2010 <http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-carlos-Media-Publico-Literacia.pdf>).

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. 2 ed. Trad. Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LIPOVETSKY, Giles. **Os tempos hipermodernos**. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Barcarola, 2004.

MISGELD, Dieter **Education and cultural invasion**: Critical social theory, education as instruction and the "pedagogy of oppressed". Cambridge: MIT Press., 1987.

QUADROS, Claudia Irene de; QUADROS, Junior, Itanel. **Em cartaz o jornalismo do futuro**. Contemporânea. V.6. nº1. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2008

QUADROS, Claudia. Irene de; ROSA, Ana Paula da; VIEIRA, Josyane. **As Transformações no Jornalismo**. Revista E-Compós, n.3, 2005 Disponível em: < <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/38/38> >. Acesso em: 10 maio de 2008.

VATTIMO, Gianni. **La sociedad transparente**. Barcelona: Paídos, 1996.